

Narrativa jornalística e construção biográfica no Caso Flordelis: articulações entre práticas jornalísticas e judiciárias na cobertura criminal do caso¹

Laura Maria Almeida Pinheiro (UFRJ)

Luiz Eduardo de Vasconcellos Figueira (UFRJ)

RESUMO

O presente trabalho pretende descrever e analisar as práticas narrativas do Jornal O Globo de construção biográfica de “vítimas” e “réus”, no âmbito do acontecimento que ficou amplamente conhecido como o Caso Flordelis. O esforço analítico se prestará a entender como o fazer jornalístico dessa instituição construiu narrativamente representações acerca da vítima e dos acusados (particularmente, da Flordelis), utilizando recursos como o enquadramento jornalístico e a produção de juízos morais acerca das condutas dos sujeitos protagonistas. Também há a proposta de investigar as articulações entre as narrativas jornalísticas e policiais e suas implicações à produção das notícias jornalísticas. Dessa maneira, será possível discutir o lugar desses elementos na produção da verdade jurídica, e como eles afetarão o curso do processo penal.

O caso Flordelis inicia-se em 16 de junho de 2019, quando o esposo da então deputada federal, o pastor Anderson do Carmo de Souza, é assassinado na residência da família. A partir do dia 17 de junho de 2019, o Jornal O Globo inicia a sua cobertura sobre o caso e, conforme surgem novos acontecimentos, veicula a informação correspondente. Ao narrar o evento, o jornal produz, também, uma biografia moral da “ré”, por meio de uma narrativa de contraste com a imagem pública que a deputada construiu ao longo de sua trajetória (como pastora, como mulher que adotou mais de 50 crianças etc).

A perspectiva analítica adotada decorre, principalmente, da proposta de “Análise Pragmática da Narrativa Jornalística” desenvolvida por Luiz Gonzaga Motta (2005), da qual me aproprio das ferramentas de análise oferecidas pelo autor. A pesquisa dialoga, também, com a proposta de desenvolvimento de uma descrição densa das práticas narrativas do jornal O Globo, seguindo a perspectiva etnográfica de Clifford Geertz. A metodologia envolve levantamento e análise bibliográfica e levantamento no acervo online do Jornal O Globo das matérias jornalísticas impressas que apresentam a palavra-chave “Flordelis” entre os dias 17 de junho de 2019 e 30 de agosto de 2021.

¹ VIII ENADIR. GT25. Processo, construção da verdade jurídica e decisão judicial.

Palavras-chave: produção da verdade; práticas jornalísticas; construção biográfica; narrativa jornalística; narrativa policial;

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Análise de narrativas: perspectiva analítica
3. O acontecimento segundo o Jornal O Globo
4. Aplicando Motta: A reconstituição do caso criminal segundo o Jornal O Globo
 - 4.1. “Uma desavença em família pode estar por trás do assassinato do pastor evangélico Anderson do Carmo de Souza” - A cobertura dos onze dias seguintes ao crime.
Flordelis versus a Polícia Civil
A “missionária do tráfico” que se tornou “a mãe de 55 filhos”
 - 4.2. “De família perfeita a uma trama de intrigas, desavenças financeiras, suspeitas de envenenamento e por fim plano de morte” - A apuração do Inquérito Policial e a acusação moral de Flordelis
Espaço da narrativa da Acusação X Espaço da narrativa da Defesa
 - 4.3. “Não se trata bem de uma família, mas uma organização criminosa” - A denúncia do Ministério Público e condenação moral irreversível de Flordelis
5. Considerações finais

1. Introdução

No âmbito das práticas jornalísticas de cobertura de casos criminais brasileiros de grande repercussão, o presente trabalho se propõe analisar como o Caso Flordelis foi construído pelo “olhar” do Jornal O Globo, ao produzir sua narrativa sobre o crime.

Mais especificamente a presente pesquisa pretende analisar/compreender a construção biográfica de réus e vítimas. Por construção biográfica entendo

A pesquisa ao qual esse trabalho está vinculado tem como objetivo principal analisar de forma mais ampla a construção da verdade jurídica no Caso Flordelis. Compreendo que para alcançar a pretensão de entender as práticas judiciárias e o julgamento de um caso de grande repercussão midiática, é necessário fazer uma análise de como as produções narrativas das instituições estão implicadas umas nas outras, sendo intrínseca à análise de uma a compreensão da outra.

Como primeiro passo para o início dessa investigação, escolhi analisar as reportagens do jornal físico O Globo que compreendem o período entre o fato-crime e a cassação política

seguida da prisão de Flordelis. A escolha desse material se dá pelo fato do Jornal O Globo ser por consecutivos anos o mais lido do país², o que expressa um impacto mais significativo decorrente do seu maior alcance.

O jornalismo é a instituição cujo papel é informar os leitores, ouvintes, telespectadores, sobre os acontecimentos que rompem com o cotidiano ou que são de interesse da coletividade. Entretanto, a informação não é algo dado pela natureza, cujas interpretações são uniformes e auto reveladas. Na verdade, um fato que promove uma descontinuidade no cotidiano é capturado pelo maquinário jornalístico, editado conforme determinados elementos e interesses, e transformado em notícia, sendo a mesma um produto do fazer jornalístico.

Nos casos dos crimes de grande repercussão, há a conquista de um lugar contínuo dentro dos aparelhos de notícias. A cobertura sobre o caso começa com o fato-crime, acompanha todo o período entre o mesmo e o resultado judicial, e é lembrado, após isso, em momentos ou datas que remetem ao crime. A razão para o caso Flordelis adquirir essa característica se dá pelo fato de haver um homicídio dentro da família da figura pública Flordelis, amplamente conhecida pela adoção de mais de 50 filhos, e em seguida, pelo papel de pastora e de deputada federal, que lhe conferem grande visibilidade dentro corpo social.

Nesse sentido, a veiculação do caso será consecutiva e acompanhará o processo penal. O primeiro foco do texto será a abordagem do discurso do Jornal O Globo ao construir Flordelis para seus leitores. Para isso, a teoria de Luiz Gonzaga Motta será útil, e fornecerá as ferramentas de análise necessárias. Ao analisar a narrativa do jornal O Globo, destaco durante todo o texto a presença da narrativa da polícia, que se apresenta como a principal fonte na qual o jornalismo vai beber para que seu discurso exista. Trarei dados quantitativos e qualitativos sobre a presença e as implicações da apropriação do discurso policial.

Algumas perguntas norteiam o objetivo pretendido: Como o Jornal O Globo constrói biograficamente a persona Flordelis? Quais são as características narrativas presentes nas reportagens? Quais são as fontes utilizadas pelo discurso jornalístico? Quais as possíveis implicações da cobertura do Jornal O Globo para produção da verdade jurídica e o curso do processo penal?

2. Análise de narrativa: perspectiva analítica

² Vê-se em: <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2020-24906502>> e <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2021-25376960>>

Antes de mais nada, é necessário esclarecer o lugar do conceito de construção biográfica para a compreensão das produções jornalística e jurídica. O que é a construção biográfica e para que ela serve? E qual o objetivo de sua apropriação?

O termo “construção biográfica” expressa um movimento característico da formulação de uma narrativa, no qual se elabora a biografia de um personagem a partir da seleção e edição de características ou aspectos dele. Um enunciador do corpo social, no meu caso que seja interessado na resolução de um caso criminal, como a acusação e defesa jurídicas do caso, os policiais civis, os jornalistas que fazem a cobertura do caso, todos associados às suas instituições de origem, olharão para as personagens do caso, principalmente as vítimas e os réus, e produzirão uma versão, uma interpretação, uma representação, um relato ou uma descrição da imagem de uma pessoa formulada a partir de características subjetivas da sua biografia, história de vida, personalidade, moralidades, atitudes posteriores, entre outros. Os interesses e elementos que integram o olhar do enunciador é que ditarão a maneira na qual ele produzirá uma biografia das personagens.

A partir da adoção desse conceito, ao escolher trabalhar com a narrativa do Jornal O Globo sobre a grande repercussão do Caso Flordelis, me direcionei a destrinchar as propriedades do discurso enunciador não só do O Globo especificamente com da Imprensa de forma mais ampla, com foco em compreender quais são as escolhas feitas pelo discurso jornalístico ao veicular o caso e qual a versão que o mesmo produz sobre Flordelis.

Nesse sentido, os veículos midiáticos para formularem uma notícia sobre o caso Flordelis, observam a natureza fática do que há interesse em ser noticiado e aplicam uma interpretação composta por elementos subjetivos interiores e exteriores aos fatos para elaborar seu discurso, e, ao fazê-lo, produzem e reproduzem representações sobre a pessoa moral Flordelis. São essas representações que espelham o que aqui denomina-se por construção biográfica.

A produção jornalística é um tipo de texto que, como qualquer outro, obedece a especificidades na sua realização. O material de análise corresponde às notícias e reportagens produzidas pelo Jornal impresso O Globo sobre o caso criminal da Flordelis, veiculadas entre os dias 17 de junho de 2019 e 30 de agosto de 2021. O meu foco interpretativo será na dimensão narrativa da abordagem do jornal e na construção biográfica da personagem Flordelis por meio das narrativas jornalística e judiciária. Para tal, a teoria desenvolvida no texto *Análise Crítica da Narrativa Jornalística* do professor Luiz Gonzaga Motta me ofereceu ferramentas úteis para a investigação pretendida.

Um conceito inicial que precisa ser esclarecido é o de narrativa. Para Motta, trata-se de uma forma de traduzir conhecimento em relatos imbuídos de narratividade, é a enunciação sequenciada dos estados de transformação que organizam o discurso e produzem sentido para as coisas e os acontecimentos. Uma narrativa existe a partir do encadeamento cronológico de modificações da realidade que a ressignificam. Uma narrativa jornalística sobre um caso criminal de grande repercussão construirá seu discurso de forma fragmentada com as notícias de atualizações sobre o caso, e sua temporalidade deve ser remontada para que a mesma possa ser estudada. Para alcançar esse objetivo, me direciono, primeiramente, ao texto jornalístico em si e às suas características abordadas na teoria de Motta.

O discurso jornalístico vai se utilizar de estratégias comunicativas para se estruturar. Nesse sentido, Motta (2005, p. 8-9) afirma que

O discurso narrativo subjetivo (a ficção) distingue-se pela presença (implícita ou explícita) do narrador, de um sujeito que narra. (...) O discurso objetivo do jornalismo, ao contrário, define-se pelo distanciamento do narrador. **Ele narra como se a verdade estivesse “lá fora”, nos objetos mesmos, independentemente da intervenção do narrador:** dissimula sua fala como se ninguém estivesse por trás da narração. (...) Estudar as narrativas jornalísticas é **descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos** (o efeito de real ou os efeitos poéticos). (grifo próprio)

A perspectiva apontada pelo autor esclarece a intencionalidade do jornalista narrador em se apropriar de determinadas estratégias comunicativas. Em vista disso, a narrativa jornalística dos jornais impressos expressa tanto caráter fático quanto fictício. Sua natureza fática se denota com a narração objetiva sobre um acontecimento que rompe com a estabilidade. É a partir dela que o “efeito de real” é ocasionado, tratando-se da capacidade do jornalista fazer com que o leitor interprete os fatos narrados como verdade, como se eles falassem por si mesmos e fossem somente um espelho da realidade, um retrato fidedigno. O caráter fictício da narração se manifesta com a forma narrativa e com todo o processo de escolha jornalística. Está na escolha e uso dos verbos, nas figuras de linguagem, nas seleções dos trechos dos discursos que serão publicados e que não serão, nas comparações diretas e indiretas, na escolha das imagens, entre muitos outros. Essa esfera subjetiva vai resultar no chamado “efeito poético”,

que são os sentidos emocionais gerados, as sensações causadas no leitor, como medo, compaixão, repulsa, revolta, riso, etc. (Motta, 2005) É aqui que a dramatização e espetacularização dos acontecimentos ocorre.

Além desses elementos, Gonzaga Motta propõe alguns movimentos de análise adotados. O primeiro que me apropriei trata-se do esforço de recompor o acontecimento jornalístico como um conjunto de notícias individuais em uma sequência cronológica, formando assim uma narrativa única, com início, meio, fim, personagens, clímax e desfecho. Quando fizermos isso com as notícias sobre o caso Flordelis, teremos a união dos vários capítulos da narrativa, possibilitando uma visão panorâmica da versão produzida pelo jornal. É essa síntese que será o acontecimento jornalístico.

O segundo, trata-se da identificação dos conflitos. O conflito é um fato que promove uma ruptura com a realidade, que transtorna, desestabiliza, desorganiza, e por isso, possui por si só conotações dramáticas. Pode ser uma catástrofe climática, um golpe político, é o que estabelece um rompimento. Um fenômeno social ou material que impacta, como o objeto trabalhado por mim na circunstância desse texto: um crime. É por causa do conflito que a narrativa existe, ele é a medula que mantém a narrativa viva, da qual se enraíza e se alimentam todos os episódios que virão a sucedê-la, sendo, portanto, a motivação primordial para todas as notícias produzidas sobre o mesmo.

Dentro da esfera criminal, o fato-crime será a motivação que desencadeará todas as notícias sobre o caso, sendo a gênese da narrativa, o conflito principal sobre qual orbitam tudo o mais da narrativa. De forma secundária, há também outras rupturas decorrentes desse primeiro conflito que ocasionarão também a produção jornalística, como, por exemplo, o resultado do Inquérito Policial e a Denúncia do Ministério Público, a prisão de algum acusado, a descoberta de alguma prova relevante, a depender das especificidades do caso. Os conflitos são, portanto, a motivação para que o maquinário midiático se mobilize e ofereça seu produto ao público: as notícias.

Por último, há o terceiro movimento, denominado por construção de personagens jornalísticas. Diz-se construção por que por meio da narrativa, o jornal produz uma versão dos indivíduos da realidade envolvidos com o acontecimento, tornando-os, no papel, personagens da história que está sendo contada. Enquanto personagens, eles ocuparão espaços simbólicos de vilão ou herói, bandido ou morador, culpado ou inocente, réu ou vítima. As personagens são aquelas afetadas ou motivadoras dos conflitos vistos acima, sendo as capazes de dar continuidade à narrativa jornalística. Motta (2005, p. 7) esclarece: *“Na análise da narrativa, entretanto, não interessa o quem é o político ACM, o que fez ou deixou de fazer na vida real.*

Interessa como a narrativa jornalística construiu certa imagem de ACM e o que a personagem fez no transcorrer de uma narrativa jornalística.”. A personagem jornalística é o produto de uma narrativa fática e verossímil, o qual baseia-se no conflito que motivou a produção jornalística, representando uma pessoa com existência real que é moldada pelo fazer jornalístico. Este, possui a autonomia de editar à sua maneira como o público terá contato com essa pessoa e seu feito, direcionando sua narrativa para uma interpretação específica, a depender do fato da personagem construída ser vilã ou mocinha.

Esse terceiro movimento de análise proposto por Motta vai de encontro com o esforço de identificar a construção biografia que o O Globo produz sobre Flordelis ao relatar o caso criminal que ela e sua família estão envolvidos. Assim sendo, a narrativa do jornal O Globo irá construir a imagem de Flordelis enquanto uma personagem do discurso jornalístico, e da pessoa de Flordelis se saberá, somente, a versão fragmentada concebida pelo jornal. A veiculação constante e massiva dentro do espaço público dessa personagem faz com que os papéis reais e os narrativos se misturem, sendo a pessoa Flordelis reduzida e limitada à personagem com o espaço simbólico que Flordelis ocupa na narrativa jornalística.

A restrição de análise da construção biográfica de Flordelis nasce de uma percepção de que o foco narrativo das reportagens para relatar o caso criminal está em torno da pessoa moral Flordelis. As moralidades atribuídas aos lugares simbólicos que ela ocupa no espaço público são sempre manipuladas pelo discurso jornalístico para apontar as motivações do crime, produzir entendimentos sobre suas circunstâncias, e apontar direta ou indiretamente os acusados.

Utilizarei a proposta de análise de narrativas do Motta (2005), para pensar o caso Flordelis da seguinte maneira: primeiramente, relato o fato-crime segundo o Jornal O Globo; em seguida, aplico a teoria de análise proposta por Motta, havendo um esforço de reconstituição do caso por meio da identificação dos conflitos principais do período de produção jornalística estudado, pois, dessa maneira, estarei apta à esmiuçar os componentes das reportagens de cada um desses marcos; concomitantemente a isso, os outros movimentos e propriedades do texto jornalístico serão analisados, além da percepção de como a narrativa da Polícia Civil é mobilizada pelo discurso jornalístico perpassar todo o texto.

3. O acontecimento segundo o Jornal O Globo³

³ A partir da leitura da primeira notícia sobre o caso publicada pelo Jornal O Globo, descrevi as informações de natureza fática presentes na reportagem, que correspondem ao que foi coletado pelos jornalistas, durante o dia 16, com a polícia, a partir de entrevistas de Flordelis, com personalidades

A notícia de capa do Jornal O Globo no dia seguinte ao assassinato do pastor Anderson do Carmo afirmava que sua execução se tratava de um mistério. Na madrugada do dia 16 de junho de 2019, o pastor, de 48 anos, retornou de carro com Flordelis para casa após um passeio. Segundo a deputada, após entrarem em casa, Anderson retornou à garagem da casa da família por ter esquecido alguma coisa, quando foi assassinado com mais de 10 tiros. Havia um cachorro dopado na garagem e o portão da casa não tinha sinais de arrombamento. Flordelis afirmou para a polícia que teve a sensação de ser seguida por motocicletas no percurso de volta para casa, declarando que Anderson foi vítima de um assalto. Em contrapartida a isso, a reportagem se inicia comunicando que *“Uma desavença em família pode estar por trás do assassinato do pastor evangélico Anderson do Carmo de Souza...”*⁴, pois essa seria a principal linha de investigação da Delegacia de Homicídios responsável pelo caso.

O autor, as circunstâncias e a motivação do crime ainda não eram conhecidas naquele momento, mas duas narrativas sobre possibilidades da execução se estabeleceram, a da polícia e a de Flordelis, mesmo que o órgão de apuração não tenha descartado em um primeiro momento nenhuma linha de investigação.

4. A reconstituição do caso criminal segundo o Jornal O Globo

Como em qualquer narrativa, a temporalidade será o componente principal para a construção do discurso. No caso da narrativa jornalística sobre um caso criminal, a história produzida será fragmentada no tempo, com atualizações e rememoração de acordo com novos conflitos referentes ao caso que suscitaram a produção de novas reportagens. Cada nova notícia sobre o caso corresponderá a um novo capítulo ou episódio da narrativa. Nesse sentido, fez-se necessário estabelecer entre o recorte de reportagens que me propus analisar, quais são os conflitos principais que ocorreram no caso e fomentaram a produção jornalística, pois dessa maneira tornou-se possível formular a cronologia do caso dentro do período estudado, conforme demonstrado na linha do tempo da Figura 1.

públicas, e a partir da participação do velório do pastor. Na matéria também está presente uma recapitulação em tópicos dos principais momentos da vida de Flordelis.

⁴ O Globo, 17/06/2019, página 11.

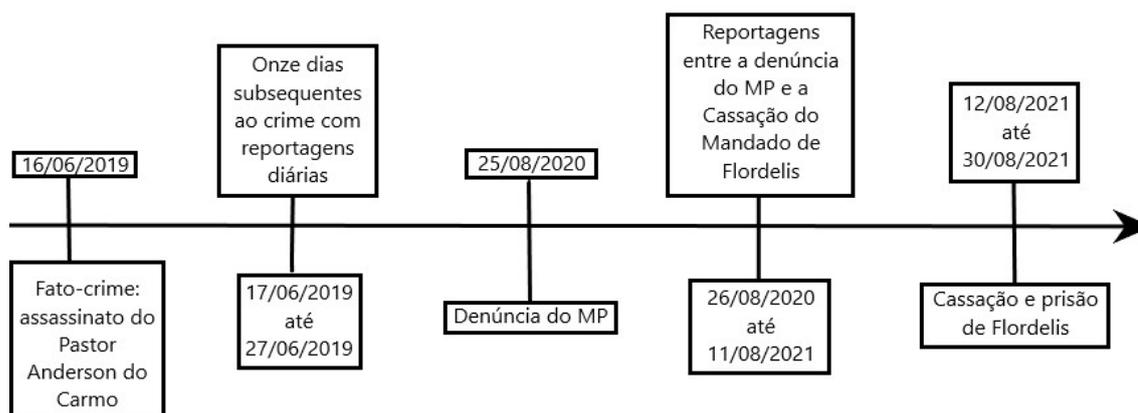


Figura 1 - Linha do tempo dos conflitos

O crime ocorreu na madrugada do dia 16 de junho de 2019. Nos primeiros 11 dias subsequentes, entre 17 de junho 2019 e 27 de junho 2019, o jornal publicou todos os dias atualizações sobre o caso. Após esse período, as reportagens se concentraram nos depoimentos dos familiares e suspeitos investigados pela polícia, que geraram novas versões sobre o acontecimento. No dia 24 de agosto de 2020, mais de um ano depois do fato-crime, o Ministério Público denuncia Flordelis, entre outros crimes, por mando no delito de homicídio consumado do pastor. No dia seguinte o jornal faz uma grande reportagem sobre. Depois disso, devido a imunidade parlamentar, Flordelis não é presa junto com os outros acusados, o que faz com que as reportagens se voltem para o processo legislativo iniciado para a cassação de seu mandato. No dia 11 de agosto de 2021, Flordelis tem seu mandato cassado, perdendo a imunidade parlamentar e sendo presa dois dias depois. Cada um desses marcos temporais terá reportagens em torno do conflito a que ele se refere.

Também é importante lembrar que, para além do recorte temporal das reportagens que foram analisadas por esse artigo, no momento da minha elaboração, o processo criminal ainda estava em andamento, não havendo, ainda, desfecho no judiciário. O delineamento narrativo adotado também está limitado ao tempo do processo penal e, sendo assim, ainda não há o desfecho da narrativa jornalística.

No período entre o fato-crime e a denúncia do MP, a fonte principal na qual o discurso jornalístico vai beber é a narrativa engendrada pela polícia. Dados quantitativos sobre a presença da narrativa policial permitirão uma análise qualitativa do lugar que ela ocupa e de seus respectivos efeitos.

4.1. “Uma desavença em família pode estar por trás do assassinato do pastor evangélico Anderson do Carmo de Souza” - A cobertura dos onze dias seguintes ao crime.

Esse primeiro conjunto de reportagens se refere ao início do contato do leitor do Jornal O Globo com o caso Flordelis. O assassinato do marido de uma deputada federal é o conflito basilar do caso, no qual rompe-se com o estado regular das coisas. É o conflito fundamental que suscitará outros conflitos menores, mas que serão suficientes para a atuação jornalística. Sem rupturas, não há o quê ser noticiado, pois elas são a motivação para a mobilização da Imprensa. Aqui, o que interessa é a novidade, pois trata-se da “notícia do momento”. É um homicídio dentro da família de uma figura pública amplamente conhecida. Nesse sentido, o fazer jornalístico atuará de forma a oferecer ao leitor um acompanhamento cotidiano das atualizações do caso.

Por se tratar de um delito de homicídio, o interesse principal que não abandonará a narrativa jornalística é em saber o que aconteceu para que essa descontinuidade ocorresse. “Quem matou o pastor Anderson?”, “Porquê?”, “Como?”, e, a pergunta que mais me chamou atenção, “Qual o envolvimento de Flordelis no crime?”.

Flordelis versus Polícia Civil

O crime ocorreu na madrugada do dia 16 de junho de 2019, e durante todo esse dia o jornal coletou informações, principalmente da polícia, para fazer sua primeira reportagem sobre o caso no dia 17⁵, dedicando uma página inteira para tal. Eles abordaram no título da notícia o homicídio de Anderson como um grande mistério.

Em seguida, as primeiras palavras do jornal são *“Uma desavença em família pode estar por trás do assassinato do pastor evangélico Anderson do Carmo de Souza”*. A primeira informação lida sobre o episódio se refere a possibilidade de um problema familiar ser a resposta das perguntas feitas anteriormente. Logo depois, o discurso apresenta a natureza fática do crime, e continua: *“Essa é a principal linha de investigação da Delegacia de Homicídios da região, que analisa imagens de câmeras de segurança para tentar identificar a autoria do crime.”*. Desde a primeira reportagem do caso, me deparei com o movimento do jornal em optar pela presença do discurso policial nas reportagens de forma significativa, por meio de elementos

⁵ A maioria das reportagens aqui analisadas apresentarão o mesmo perfil. Diferente dos jornais das plataformas online, que atualizam as novas informações do caso ininterruptamente e com menos distância de tempo entre acontecimento e notícia, o jornal impresso tratará somente no dia seguinte de um acontecimento do hoje. Sendo assim, coletará todas as informações possíveis para fazer uma reportagem com riqueza de detalhes.

da investigação policial coletados e selecionados. A investigação da Polícia Civil tem um objetivo claro: por meio da apuração dos indícios, descobrir a verdade do acontecimento delituoso. Entretanto, a verdade propriamente dita, o que realmente aconteceu, principalmente no Caso Flordelis em que não há a gravação em vídeo de nada relacionado ao caso, não pode ser descoberta, pois no momento do fato crime a Polícia não estava presente em cena registrando todas as exatas circunstâncias em que os fatos se deram. Na verdade, o esforço da Polícia está em formular uma história que mais se aproxime da verdade sobre o crime, produzindo, portanto, uma versão verossímil do caso que aponte a autoria, as circunstâncias, as motivações, e as provas do crime. Seu trabalho possui lugar fundamental em qualquer caso criminal, pois ela é o órgão com credibilidade para apontar acusados. Nesse sentido, da mesma forma que no jornalismo, a polícia também produz uma versão dos fatos. Tanto nessa primeira reportagem, quanto na maioria das analisadas, o discurso jornalístico estará baseado no policial. Trata-se de uma narrativa apoiada em outra narrativa.

Em contrapartida ao discurso da polícia, é apresentada a versão de latrocínio explanada por Flordelis em entrevistas, e falas de indignação com a violência pública são destacadas. O sofrimento de Flordelis no velório do pastor também é mencionado.

No dia 17 de junho de 2019, após o enterro do pastor, Flávio dos Santos Rodrigues – filho biológico de Flordelis – e Lucas César dos Santos de Souza – filho adotivo do casal – foram presos respectivamente por violência contra mulher e por crime análogo a tráfico de drogas. Todavia, como isso somente é explicado no corpo do texto, ao ler o título da reportagem, a impressão oferecida é de que os dois foram presos por conta do assassinato de Anderson. A estratégia de produção do texto jornalístico

A partir dessa reportagem, o jornal começa a apontar contradições de fala e posicionamento de Flordelis.



Despedida. Flordelis põe a mão sobre o caixão durante o sepultamento, em São Gonçalo: durante a cerimônia, a deputada voltou a afirmar que Anderson foi morto em uma tentativa de assalto, hipótese praticamente descartada pela polícia

Figura 2 - Imagem da Reportagem do Jornal O Globo do dia 18 de junho de 2019

Eis a legenda da foto do enterro de Anderson, que ocupa de uma lateral à outra da página: “*Despedida. Flordelis põe a mão sobre o caixão durante o sepultamento, em São Gonçalo: durante a cerimônia, a deputada voltou a afirmar que Anderson foi morto em uma tentativa de assalto, hipótese praticamente descartada pela polícia*” (grifo próprio). Afirmar que a hipótese de Flordelis estava “praticamente” descartada pela polícia, antecipa uma afirmativa que ainda não é verídica para destacar uma contradição de posicionamento de Flordelis. Como pode a deputada sustentar uma narrativa que para a polícia - órgão estatal comprometido com a apuração dos fatos - não faz sentido e foi descartada?

A articulação dessa legenda com a imagem da pastora em sofrimento enterrando o marido também possui efeito. Se a pastora está passando por esse pesar e se importa que haja justiça para com o falecido, por que sua narrativa é contraditória?

Em outros dois momentos do corpo do texto, divergências do depoimento de Flordelis são apontadas. “*A deputada também havia dito que ele abriu um portão, mas, ontem, afirmou que a garagem de casa costumava ficar destrancada*” (grifo próprio) e “*Outro detalhe é que o portão da garagem - em nova versão dada hoje por Flordelis - estaria aberto numa região perigosa, onde houve vários assaltos, segundo a própria deputada.*” (grifo próprio). Na primeira colocação, há o destaque para uma mudança de depoimento, entretanto, na segunda, a interpretação sugere uma nova pergunta: “Como a deputada deixava o portão de sua casa aberto em uma região perigosa?”. Esses questionamentos colocam sob suspeita não só o discurso de Flordelis, mas também questionam se ela está falando a *verdade*, se está *mentindo* ou ocultando alguma informação.

E quais os efeitos de colocar a versão de Flordelis em pauta? Ao suscitar tais questionamentos, apontar contradições e afirmar que a Polícia possui uma narrativa diferente. Há a colocação em lados contrários da narrativa de Flordelis e da narrativa da Polícia. Nos dois lados dessa balança estão dispostos pesos díspares. De um lado, Flordelis com a vulnerabilidade do caso se tratar do assassinato de seu marido. Do outro, a linguagem autorizada (Bourdieu, 2008) de uma instituição que é reconhecida pelo corpo social como encarregada de descobrir a verdade dos fatos e levantar provas. A instituição Polícia é antes de mais nada comprometida com os interesses do Estado, e sua narrativa representa-o. Logo, a noção de *mentira* não se associa espontaneamente à Polícia. Pelo contrário, ela está do lado da *verdade* porque busca a *verdade*. Se a narrativa policial tem lugar de verdade, a de Flordelis, se colocada em oposição, como visto, terá lugar de mentira. Isso é agravado, ainda, pelo fato da narrativa policial ser a base da denúncia do Ministério Público, que ocupa o papel da acusação no caso. Para além da

verdade e da *mentira*, se a Polícia está do lado da acusação, por consequência, Flordelis está produzindo uma narrativa de defesa. Flordelis é mentirosa. Flordelis é ré.

A “missionária do tráfico” que se tornou “a mãe de 55 filhos”

Desde a primeira matéria sobre o caso, o jornal começou a rememorar o leitor de qual é a história de vida de Flordelis. Por meio de uma sessão separada na página denominada *“Políticas, filhos e até filme”*, destaca e localiza temporalmente, em tópicos, os principais acontecimentos da vida de Flordelis, estando presente sua trajetória religiosa e política.

A imagem de Flordelis passou a ser veiculada na década de 1990, quando ela ficou conhecida por ter adotado mais de 30 filhos de uma vez. Ela iniciou sua jornada de acolher crianças afetivamente por meio do trabalho missionário evangélico, o qual também resultou na função de pastora da própria igreja e na carreira de cantora gospel. No total, Flordelis adotou afetivamente 51 filhos, os quais unidos aos 4 filhos biológicos da pastora totalizaram 55 filhos. Em 2009 a história de Flordelis virou filme. Em 2018 ela se elegeu a quinta deputada federal mais votada do Rio de Janeiro com quase 200 mil votos.

A seção denominada *“Filme contou trajetória do casal que se conheceu no Jacarezinho”*, da reportagem do dia 18 de junho de 2019, foi dedicada a falar, com mais desenvolvimento e detalhes, sobre o trabalho social de resgate de jovens do tráfico e adoção de crianças de rua. Flordelis era conhecida como *“Missionária do Tráfico”*, pois foi na favela do Jacarezinho onde morava que iniciou o resgate de jovens da violência. Ficou conhecida entre a população pelo que fazia, e nos lugares que efetuava as missões. Em 1993, quando aconteceu a Chacina da Candelária, 37 crianças e adolescentes sobreviventes buscam refúgio na casa de Flordelis, e ela decide acolher e adotar todos. É esse momento de sua vida que é retratado pelo filme. A fala do ator Erik Marmo, integrante do elenco, é destacada: *“Triste e lamentável ver que em 2019 ainda se pensa em acerto de contas com armas de fogo em vez de diálogo. Seja por questões políticas ou pessoais.”* A escolha do Jornal em selecionar essa colocação, produz efeito de real, pois o ator ao acentuar seus sentimentos de tristeza por interpretar o fato como um acerto de contas motivado por uma questão política ou pessoal da família de Flordelis, produz uma sensação de que os fatos falam por si mesmos, e de que as motivações do crime, mesmo que ainda não esclarecidas, envolvem uma trama familiar.

O Jornal O Globo ao colocar somente esse trecho específico da fala de Erik na notícia, de todo o material coletado e de todas as falas ouvidas, torna-se emissor do conteúdo do comentário do ator, pois mesmo que Erick seja o autor da fala, o jornal atua na seleção e elaboração do que será publicado, escolhendo destacar o conteúdo específico contido no

comentário do ator. Erik enquanto consumidor midiático, admite a narrativa da Imprensa como verdadeira e reverbera seu efeito poético, expressando os sentimentos de tristeza e lamento. Alguém só expressa essas emoções em situações de decepção, enganação, tragédia, quebra de expectativa.

No dia 23 de junho de 2019, a reportagem com o seguinte título foi publicada: *"Flordelis, uma história entre altos e baixos. Investigada pela morte do marido, a deputada federal que teve a vida contada em filme fugiu às pressas da favela onde nasceu em 1994 para não entregar 37 crianças que tinha recolhido das ruas. Amanhã ela depõe sobre crime"*. É o primeiro domingo de cobertura após o assassinato do pastor, e esse fato por si só já contém algumas implicações. Na etnografia feita na redação do Jornal O Globo pelo professor Edilson Márcio Almeida da Silva, ele destaca que os jornais do fim de semana e, especificamente do domingo, possuem um processo de produção diferenciado dos demais dias da semana:

“Distintamente dos demais, ele é produzido durante toda a semana e obedece a uma temporalidade singular. Suas reportagens podem ser apuradas e desenvolvidas durante dias, semanas ou até mesmo meses. (...) Contando também com reportagens factuais, pode-se dizer que a edição de domingo é composta, principalmente, das chamadas reportagens especiais, ou seja, das reportagens mais buriladas que, segundo alguns profissionais ouvidos representam o ‘diferencial’ ou o ‘segredo do [seu] sucesso’” (2010, p. 66)

A matéria sobre o caso Flordelis nessa data não fugirá dessas características. Trata-se de uma reportagem de página inteira dedicada a fazer uma seleção detalhada dos destaques da história de vida de Flordelis antes do caso. Com duas grandes imagens de Flordelis com Anderson e da família com parte dos filhos que ocupam meia página do jornal, o texto se inicia comentando o motivo principal da fama de Flordelis: a adoção numerosa de crianças e adolescentes em condições de violência. São colocadas duas histórias referentes a Flordelis: primeiramente, a da mulher pobre e favelada que acolheu 37 sobreviventes da Chacina da Candelária, que foi bem sucedida e “acabou virando filme”; em seguida, “a trajetória da pastora e cantora gospel Flordelis dos Santos de Souza”, e também deputada, colocada como “conturbada”, ao passo que ela é uma das investigadas pelo assassinato de seu marido. São duas histórias com características opostas sobre a mesma personagem. Enquanto “mãe de 55 filhos”, Flordelis teve problemas com a justiça para regularizar a condição das crianças acolhidas, ela enfrentou o Judiciário por uma “boa causa”, para promover o “bem”. Enquanto figura pública reconhecida como pastora, cantora gospel e deputada federal, ela encara um processo judicial de homicídio dentro de sua família, no qual ela pode estar envolvida de acordo com a narrativa que estava sendo estruturada pelo O Globo durante essa primeira semana de cobertura. Uma

pessoa envolvida em um assassinato não é associada a benevolência, pelo contrário, as suspeitas a colocam num lugar de desconfiança, mentira, maldade e farsa.

A preocupação do jornal, não só durante os primeiros dias de cobertura como também em outras reportagens que acompanham o desenvolvimento do caso, em apresentar para o leitor as moralidades atreladas aos papéis de pastora, de mãe por escolha de muitos filhos adotados, de deputada federal com extenso público eleitoral, ou seja, da imagem de Flordelis construída com base nessas moralidades durante todos os anos anteriores ao crime, está em justamente produzir um paralelo do que chamo da Flordelis “de antes do crime”, com a Flordelis “após o crime” criada pela narrativa jornalística. As duas são qualificadas por moralidades opostas, pois a Flordelis “após o crime” está associada a mentira, manipulação, farsa, falsidade.

O jornal, ao escolher desmembrar Flordelis em duas personagens opostas, sendo a “má” revelada pelo fato-crime, estimula a interpretação de que o leitor foi enganado pela deputada, sendo a segunda personagem, na verdade, a face real de Flordelis que foi desmascarada.

4.2. “De família perfeita a uma trama de intrigas, desavenças financeiras, suspeitas de envenenamento e por fim plano de morte” - A apuração do Inquérito Policial e a acusação moral de Flordelis

Esse conjunto de reportagens corresponde ao momento de apuração dos depoimentos feita pela Polícia Civil em seu Inquérito. Antes que as versões dos suspeitos e envolvidos fossem obtidas, o Jornal, como visto, colocava em contraste a narrativa da polícia e a de Flordelis. Entretanto, após os novos relatos, a narrativa jornalística que já se apropriava do discurso da polícia, veiculou em peso as versões dos suspeitos, em sua maioria filhos de Flordelis, que acusem a pastora de mando do assassinato. Se antes o espaço para pensar na possibilidade de inocência de Flordelis era pequeno, com o depoimento das testemunhas, despontam na narrativa jornalística vários elementos retirados do discurso de seus filhos que acusam moralmente Flordelis. Aqui, não há mais dúvidas de sua participação no crime.

Espaço da narrativa da Acusação X Espaço da narrativa da Defesa

Por se tratar de um homicídio doloso, a ação penal é pública e incondicionada, cabendo ao Ministério Público efetuar a denúncia para dar início ao processo penal. A denúncia, por sua vez, é baseada nos indícios apurados pela polícia e expressos no Inquérito Policial. Nesse sentido, a narrativa da acusação construída pelo MP terá como base o produto do trabalho policial. Nesse sentido, a produção jornalística ao veicular as versões da Polícia, não só se apropria da mesma como confere espaço à narrativa da acusação. Já a narrativa da defesa, por

sua vez, estará presente no discurso jornalístico quando houver abertura para informar sobre a defesa construída e os elementos controversos que beneficiam a parte ré, o que raramente estará presente na cobertura do caso Flordelis.

No dia 22 de agosto de 2019, a reportagem intitulada *“Filho diz que Flordelis foi ‘mentora’ de assassinato. Vereador de São Gonçalo, Misael afirmou à polícia que mãe ‘manipulou’ irmãos para convencer um deles a matar padrasto, assassinado em junho, com quem teria problemas financeiros. Parlamentar nega acusações”* é publicada e Flordelis ganha a posição de “mentora intelectual do crime”.

No dia seguinte, a reportagem da Figura 3 foi publicada, trazendo um compilado de todas as novas informações coletadas por meio dos depoimentos dos filhos de Flordelis.

Observei uma divisão entre os filhos que estão a favor de Flordelis, ao afirmarem que ela nada sabia sobre qualquer planejamento para assassinato do pastor, e os filhos que a acusam de envolvimento com o caso. O depoimento mais explorado e que ganhará mais espaço e veiculação é o do filho Misael, pois ele atribui a classificação de mentora à Flordelis, afirmando que ela “manipulou” os filhos a se voltarem contra o pastor. Misael a acusa, também, de mandar envenenar o pastor em momentos anteriores ao fato-crime.

Nesse momento investigativo, destaca-se uma suposta diferença de tratamento levantada pelos filhos adotivos em comparação com os filhos biológicos ou os adotivos mais próximos ao casal, havendo alegações de que haviam preferências e privilégios entre os mesmos. O discurso dos próprios filhos da pastora tem grande presença na narrativa jornalística justamente pelo lugar que eles ocupam dentro da configuração familiar e por participarem da vida privada de Flordelis, tendo uma experiência de convivência com ela. Tanto os filhos que a acusam quanto os que a defendem, mesmo que o depoimento de Misael seja de longe o mais explorado, corroboram para a narrativa de que ela estaria

ASSASSINATO NA CASA DE PENDOTIBA

Filhos de Flordelis revelam trama de envenenamento, plano de morte e sumiço de provas



Alvo de acusações. Flordelis durante uma entrevista coletiva, dias após o crime: ela diz que um dos filhos pegou o celular de Anderson

Figura 3 - Imagem da Reportagem do Jornal O Globo do dia 23/08/2019

envolvida no crime, pois os que argumentam a favor da mãe são consumidos pela imputação de manipuladora atribuído à Flordelis. A utilização da fala dos filhos pelo jornal corrobora, portanto, corrobora para a classificação de Flordelis enquanto farsante, má mãe, manipuladora e que se utiliza da vida religiosa como uma fachada para omitir sua verdadeira personalidade revelada pelo fato-crime. A Flordelis “de antes do crime” jamais estaria envolvida no assassinato de seu marido. Mas a Flordelis que foi descoberta “após o crime” com certeza está.

A formulação da acusação expressa pela denúncia do MP perpassa a acusação moral de Flordelis, pois durante todo o Inquérito são destacadas e buscadas atitudes lidas como falhas morais, de forma a apresentar uma justificativa verossímil para o delito. Se o crime desmascarou a verdadeira personalidade de Flordelis, conseqüentemente ela não possuía uma família baseada nos moldes de amor, fé e compaixão veiculados durante os 20 anos anteriores ao crime. Flordelis não só falhou como mãe, como estimulou tal comportamento dos filhos. Como os filhos poderiam desobedecer a sua própria mãe?

A legenda da foto presente na Figura 3 exclama: “*Alvo de acusações. Flordelis durante uma entrevista coletiva, dias após o crime: ela diz que um dos filhos pegou o celular de Anderson*”. A escolha do jornal em ocupar a maior parte da página da reportagem com Flordelis séria com a mão no queixo no contexto acusatório da reportagem, produz a sensação de que a mesma está debochando do leitor com sua feição, pois afinal ela está o enganando.

No final da reportagem são destrinchados os filhos de Flordelis e os papéis que eles ocupam enquanto personagens da trama, identificando-os com nome, imagem e uma parte destacada de seus depoimentos que possuam alguma acusação à Flordelis. Mais uma vez, a narrativa engendrada pela Polícia com teor acusatório ganha lugar de destaque na reportagem, havendo a escolha de veicular e conseqüentemente fortalecer essa narrativa, visto que o público basicamente não tem acesso a matérias que articulam elementos benéficos para a defesa de Flordelis. Na verdade, o lugar para a defesa da pastora não só ocupa um espaço físico menor na folha do jornal como se resume na negativa das acusações pela pastora, e a afirmação de que a morte de seu marido só lhe trouxe prejuízos. Mesmo havendo esse suposto espaço de defesa intitulado “Deputada se defende”, a maior parte do conteúdo do texto reafirma a divisão entre os filhos e as contradições narrativas dos elementos investigados, como os celulares do pastor e de Flávio, além de destacar a posição política de Flordelis que a impede de ser presa.

O jornal, ainda, afirma que “*A polícia tem evitado declarar que Flordelis é investigada*”. Entretanto, trabalha durante todas as reportagens da cobertura do crime

com elementos acusatórios retirados do Inquérito Policial, trazendo credibilidade para sua narrativa e construindo muito antes da Denúncia do MP a incriminação de Flordelis.

Em contraste com a imagem de uma Flordelis mandante de um assassinato e manipuladora, está a confissão de sua filha biológica Simone em ter sido a mandante e idealizadora de toda a ação criminosa, feita em interrogatório em juízo. Entretanto, a confissão de Simone em nada diminui a acusação feita a Flordelis.

4.3. “Não se trata bem de uma família, mas uma organização criminosa” - A denúncia do Ministério Público e a condenação moral de Flordelis

Esse momento de cobertura jornalística é impulsionado pelo resultado do Inquérito Policial e consequente denúncia oferecida pelo Ministério Público contra Flordelis e seus filhos. É um momento de grande visibilidade do caso, no qual a maioria dos veículos midiáticos, como as redes sociais e os telejornais estão produzindo conteúdo sobre o caso, seja com reportagens, seja com comentários sobre as novas informações apuradas. Independentemente da forma, é explícita a acusação moral das falas sobre Flordelis.

O resultado do Inquérito Policial ocorreu dia 24 de agosto de 2020, apontando Flordelis como mandante do crime e em seguida foi decretada a prisão dela e de cinco filhos – Adriano dos Santos Rodrigues, André Luiz de Oliveira, Carlos Ubiraci Francisco da Silva, Marzy Teixeira da Silva e Simone dos Santos Rodrigues – e uma neta – Rayane dos Santos Oliveira. Somente Flordelis não foi presa nessa data, em função do foro parlamentar.

A reportagem do dia 25 de agosto de 2020 se inicia com a seguinte imagem:



Figura 4 - Organograma dos personagens da quadrilha de Flordelis

Um primeiro aspecto a ser destacado é a escolha em apresentar os personagens dessa trama e suas respectivas acusações por meio de um organograma tipicamente usado para explicar uma organização criminosa. Essa opção por si só pressupõe visualmente para o leitor que foi concluído que a família de Flordelis forma uma quadrilha organizada.

Intitulada “ARQUITETURA DE UM CRIME. Flordelis vira ré pela morte do marido e investigação revela tramas macabras”, a reportagem se inicia narrando:

*‘Não se trata bem de uma família, mas de uma organização criminosa. Descobrimos que toda aquela **imagem altruísta, de decência**, era apenas um **enredo para ela alcançar objetivos financeiros e a projeção política.**’ Com essa declaração, o delegado Allan Duarte justificou uma denúncia contra a deputada federal Flordelis dos Santos de Souza (PSD-RJ), agora **formalmente acusada** de ser a mandante do assassinato do marido, o pastor evangélico Anderson do Carmo, em junho do ano passado. E, **de acordo com a Polícia Civil e o Ministério Público do Rio**, por trás do **enredo de Flordelis, que também é pastora evangélica, havia uma trama de traições, sexo, rituais de magia negra e até ‘rachadinhas’ - desvios de salários de funcionários de parlamentares.** (grifos próprios)*

Por ser uma das reportagens mais relevantes sobre o caso durante todo o seu percurso, todos os elementos destrinchados anteriormente encontram seu lugar no discurso jornalístico, principalmente o destaque para as tidas como “falhas morais” de Flordelis, presentes tanto na linguagem autorizada da Polícia e do MP, quanto na própria seleção adjetiva dualística que coloca em oposição “imagem altruísta, de decência” e “pastora evangélica” com “” “tramas macabras” e “trama de traições, sexo, rituais de magia negra e até ‘rachadinhas’”, além da articulação textual com a imagem.

Entretanto, um novo aspecto timidamente trabalhado pela reportagem, é o da formalização da acusação.

Carlos Eduardo Machado, advogado de defesa no Caso Daniella Perez, que também se tornou amplamente veiculado, em palestra ocorrida na Faculdade Nacional de Direito da UFRJ no dia 24 de maio de 2022 assistida por mim, na qual ele explana a interferência da mídia no Tribunal do Júri a partir de sua experiência com o caso, afirma que a Denúncia do Ministério Público e o próprio processo penal são apenas uma mera oficialização jurídica de uma narrativa que já é considerada fato e *verdade*. Segundo ele, isso é uma consequência da atuação midiática em se apropriar do discurso da acusação

desde o fato-crime e não oferecer espaço equivalente para a defesa, sendo a mesma, na verdade, um empecilho ou incômodo durante todo o processo, que está ali para “atrapalhar” uma sentença judicial que tem por base a narrativa da acusação. O processo formalmente acusou Flordelis com a Denúncia, mas ela já estava há mais de um ano sendo acusada pela Imprensa com base no Inquérito Policial e no rompimento com as moralidades cultivadas pela pastora anteriormente ao crime. O processo penal em um caso de grande repercussão é só um instrumento, um ritual a ser seguido para que haja a constatação do óbvio.

A constatação do advogado de defesa expressa a eficiência da atuação midiática em se apropriar da narrativa da acusação e colocar em prática o efeito de real, atribuindo à narrativa da acusação o lugar de verdade por meio das estratégias de construção das notícias sobre o caso de grande repercussão. A credibilidade do Jornal O Globo enquanto jornal impresso mais veiculado no Brasil, que atribui a ele a confiança do leitor na veracidade do conteúdo das notícias veiculadas, junto do viés acusatório escolhido pelo jornal no Caso Flordelis, induzem o leitor a aderirem à narrativa da acusação, e condená-la moralmente em todo o período anterior ao julgamento judicial, não havendo espaço para a adesão da narrativa da defesa, muito menos à possibilidade de que o público considere que Flordelis possa ser inocente.

5. Considerações finais

A aplicação da teoria do Motta nas reportagens do Jornal O Globo sobre o caso Flordelis permite, para além das observações retiradas da utilização dos movimentos de análise, a investigação de um efeito que se expressa em todo o processo da construção das notícias do Jornal O Globo: a espetacularização do crime. Com espetacularização quero dizer exatamente o significado da palavra, o ato de tornar algo um espetáculo. Um espetáculo pressupõe algumas características. A primeira delas é a da dimensão teatral e de encenação, que também são trabalhadas por Motta ao interpretar a produção jornalística como uma narrativa constituída por personagens. O caso é composto por várias cenas, vários capítulos estimulados pelos conflitos que movem a narrativa e prendem o leitor. Como toda boa história, a motivação para lê-la está em descobrir seu desfecho: quem matou o pastor Anderson? Porquê? Qual é o envolvimento de Flordelis no crime? Flordelis poderia ter sido construída pela narrativa jornalística como uma grande vítima do pastor Anderson e do crime que seus filhos planejaram, que é a narrativa da defesa. Mas a opção pela narrativa da acusação, com a captação de elementos que produzem uma revelação sobre Flordelis, a quebra de expectativa e a frustração do

público em ter sido enganado por Flordelis, me parece um discurso mais atrativo. Isso porque as emoções envoltas nessa história são mais impactantes, geram revolta no leitor. O leitor é enganado por uma pastora que pregava fé e amor, que se elegeu e ganhou visibilidade com base nesses preceitos e que se revelou o oposto, e má ao ponto de mandar matar o próprio marido. O desfecho lógico para essa personagem é que ela “pague pelo que fez”, o que em termos jurídicos significa ser julgada e condenada.

Nesse sentido, o leitor passa a acompanhar, como em uma novela, o enredo das personagens se desenvolver a partir dos novos capítulos, expressos pelas notícias. Quanto melhor a história contada, mais efeitos poéticos, emoções são causados no leitor, havendo mais interesse no público e conseqüentemente um produto mais atrativo para o mercado, com mais vendas e maior alcance.

Por se tratar de um espetáculo que se alimenta de um acontecimento tratado na realidade e que é objeto de apreciação jurisdicional, as reações do público com as cenas assistidas, não esquecendo que os operadores do direito também são espectadores da produção jornalística, reverberarão no processo penal que analisa o crime. Todavia, isso é assunto para outro artigo.

REFERÊNCIAS

“O GLOBO foi o jornal mais lido do país em 2020”. **O GLOBO**, 03 de março de 2021. Seção “Política.” Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2020-24906502>>. Acesso em: 13 de agosto de 2022.

“O GLOBO foi o jornal mais lido do país em 2021”. **O GLOBO**, 02 de fevereiro de 2022. Seção “Política.” Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2021-25376960>>. Acesso em: 13 de agosto de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008.

DA SILVA, Edilson Márcio Almeida. **Notícias da violência urbana: um estudo antropológico**. Editora da UFF, 2010. p. 66.

DE CARVALHO, Carlos Alberto. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (Intercom), XIV**. 2009.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Zahar, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Págs. 13-41

Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora em Iniciação Científica pelo sistema PIBIC-UFRJ de 2021.2 até 2022.1. Trabalho desenvolvido por meio da etnografia de documentos, apresentado em etapas diferentes na XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC) de 2021.1 e na 11ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ (SIAC) de 2022.1.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom, 2005. p. 05-09.

O GLOBO. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>. Último acesso em: 24 de abril de 2022.

SCARAMELLA, Maria Luisa. A produção de biografias judiciárias em autos de processos penais: uma análise dos laudos psiquiátricos do caso Maura Lopes Cançado. **Confluências| Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 17, n. 3, p. 14-34, 2015.

SOARES, Murilo Cesar. Análise de enquadramento. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, p. 450-465, 2006.